

CHUVISCO, A PARÓDIA: O ATO CRIATIVO CONTINENTE E A CRÍTICA (ENVIESADA) NELE CONTIDA – APONTAMENTOS

Marta Metzler

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Alda Garrido, paródia, *Chuva*, *Chuvisco* – Dulcina de Moraes.

Em 1957, Alda Garrido estréia no Rio de Janeiro *Chuvisco*, espetáculo-paródia da peça *Chuva*, maior sucesso da atriz Dulcina de Moraes. No âmbito da proposição temática do V Congresso da ABRACE – a relação entre “Criação e Reflexão Crítica” em Artes Cênicas – esta comunicação apresenta breves considerações acerca desta paródia, que, como gênero, possui a interessante peculiaridade de incluir a crítica no próprio ato artístico, o que permite um posicionamento especial do olhar para o tema, no lugar em que criação e crítica se entrelaçam. O estudo é parte da pesquisa relativa ao projeto de tese *Alda Garrido: a história artística de uma atriz característica*, desenvolvido pela autora no curso de Doutorado em Teatro da UNIRIO, em andamento.

Alda Garrido, ao longo de cerca de cinquenta anos de carreira, atuou sobretudo como atriz e empresária do teatro cômico brasileiro, em mais de cem peças teatrais. Protagonizou dois filmes de longa-metragem, fez teleteatro de comédia na extinta TV Tupi, gravou pelo menos oito discos de 78 rpm como intérprete, quase todos pela gravadora Odeon, além de assinar um samba gravado por Carmen Miranda, pela mesma gravadora. Especializada no papel de característica, a estrela das burletas, além de incursões como diretora, aparece também como autora bissexta. E *Chuvisco* é uma das poucas investidas da atriz na atividade de dramaturga. Mas será que *Chuvisco*, da autora Alda Garrido, é de fato uma paródia a *Chuva*, adaptação de Randolph e Colton para o conto de Somerset Maugham, em tradução de Genolino Amado? Ou seria mais justo dizer que o espetáculo da Companhia Alda Garrido, que esteve em cartaz entre março e julho de 1957, no Teatro Rival, parodia, na verdade, a montagem que foi o carro-chefe da carreira de Dulcina? A atriz afirma que não. Em entrevista publicada no jornal *Correio da Manhã*, às vésperas da estréia de *Chuvisco*, ao ser perguntada se na peça seria Dulcina em caricatura, Alda responde: “Longe de mim a idéia de caricaturar Dulcina. O seu trabalho perfeito não poderia prestar-se a isso. A paródia, quero esclarecer bem, é da peça e não do trabalho de Dulcina.” (*Correio da Manhã*, 23/03/1957, 1º caderno: 15)

A declaração, todavia, não parece suficiente para desmanchar a dúvida. E porque mantém *a pulga atrás da orelha*, o trabalho de Linda Hutcheon, *Uma teoria da paródia*, é o mais adequado à função de suporte teórico, pois que não limita o estudo da paródia ao campo da literatura unicamente, mas estende-o às artes em geral.

O espetáculo *Chuva* foi montado no Brasil pela primeira vez pela Companhia Dulcina-Odilon, em 1945, no Rio de Janeiro. Sua estréia no Teatro Municipal, ao mesmo

tempo que constituiu um êxito artístico, foi também motivo de questionamentos de ordem política por parte da classe teatral.

Bandeira Duarte, em crítica ao espetáculo, dá uma pequena mostra da comoção que gerou a atuação de Dulcina:

“[...] O retrato que nos apresenta da heroína de Maugham, vem de tal maneira impregnado de verdade, é tão vibrante e íntimo, que temos a impressão de assistir, não uma peça, mas um episódio real de que participamos e que nos arranca da poltrona para o palco. [...] E quando ela regressa do pavoroso pesadelo, quando sente a inutilidade de tudo o que sofreu, quando enfim, o sol volta a brilhar e o cárcere se abre para as perspectivas normais, nós sentimos, como Sadie, um gosto de sangue nas palavras que ela pronuncia, como se a sua boca fosse uma ferida sangrando”. [sic] (*Diário da Noite*, 1945: 6)

Conforme Sérgio Viotti, a companhia Dulcina-Odilon só consegue estreiar no Municipal, em 1944, subvencionada – apoiada pelo ministro Capanema, a “invejável subvenção” governamental provocou rebuliço na classe teatral, e, nessa primeira temporada, foi utilizada na realização de somente três peças: duas de Bernard Shaw e uma de Jean Giraudoux. (VIOTTI, 2000: 293). No ano seguinte, quando é acrescentada ao repertório a peça *Chuva* (*Op. Cit.*: 294), em razão dessa seqüência de montagens de textos de autores estrangeiros “[...] começaram os comentários negativos, as falações, as intriguinhas, e maledicências típicas de uma classe teatral pequena, mesquinha e insatisfeita. A coisa chegou a tal ponto que a própria SBAT colocou-se contra o seu repertório de peças estrangeiras.” (*Op. Cit.*: 322)

Sob protestos da classe, elogios de boa parte da crítica e comparecimento do público, *Chuva* marcou definitivamente a carreira da atriz Dulcina de Moraes, que retomou o papel de Sadie Thompson diversas vezes a partir de então, remontando a peça no Rio de Janeiro em outras ocasiões, levando-a para os estados do Brasil, e excursionando com ela para a Argentina, Uruguai e Portugal. E Alda Garrido acompanhou de perto a carreira do espetáculo, como mostra a mesma entrevista citada acima: “Cada vez que eu revia *Chuva*, mais se realizava em minha cabeça uma paródia daqueles tipos, botando a história e os personagens no Brasil, todos em caricatura.” (*Correio da Manhã*, *Op. Cit.*: 15) A referência de *Chuva* na memória de Alda Garrido, assim como na do público em geral, não era, então, do conto ou do texto da peça, mas das montagens de Dulcina. E é somente por meio da memória do referente que a paródia pode funcionar como tal, já que supõe a ação do receptor: “Os textos não geram nada – a não ser que sejam apreendidos e interpretados.” (HUTCHEON, 1989: 35). Além disso, não era a intenção da atriz escrever ela mesma a paródia: “Há já alguns anos vinha

aquela atriz anunciando essa paródia, para o que foram convidados diversos escritores, segundo anúncios.” (*O Globo*, 02/04/1957, 2ª seção: 15) Doze anos depois da estréia de *Chuva*, para realizar sua idéia, Alda assume a empreitada de escrever o texto; o movimento de parodiar, porém, é, sem dúvida, da ordem do espetáculo. Mas que caráter possui esta paródia?

Tornar risível uma referência dramática tão pungente desestabiliza o próprio gênero drama, fazendo o público rir do mesmo (ainda que distorcido) que antes o fizera chorar. Para isso, é preciso tomar uma distância crítica, sem a qual não é possível rir do objeto a ser parodiado. A *insensibilidade* acompanha o riso, diz Bergson (BERGSON, 2001: 3). O primeiro movimento de Alda na construção da paródia é a transposição de personagens e situações para o Brasil. Sadie torna-se Sônia, o reverendo Davidson aqui é David. O estalajadeiro Horn passa a português pacato, e a sra. Horn agora é Rosa, “tipo de baiana, gorda e indolente”, com seus balangandãs. A cena, por sua vez, migra da Samoa Americana para o porto de Santarém, no Rio Amazonas. Se *Chuva* incomodou por ser estrangeira, sua paródia produz seu abasileiramento. Outro aspecto que parece ter desagradado pelo menos parte da platéia de *Chuva* foi o caráter obstinado do reverendo Davidson, cuja implacabilidade de gestos e atos para corrigir a prostituta Sadie, aproximava o “co-protagonista” da vilania. Em Portugal, para a censura lusa, o personagem de Odilon não deveria ser homem de igreja, e o Reverendo Davidson passou a Dr. Davidson. (VIOTTI, *Op. Cit.*: 409) A versão de Alda Garrido, de modo análogo, rebaixa Davidson a um suposto “cavalheiro austero, graduado no Exército da Salvação”, e é fértil em discursos em favor da moral cristã. Mas no final, dá-se uma reviravolta tão surpreendente quanto cômica: Davidson era na verdade um bandido procurado pela polícia, estelionatário disfarçado, que tentava aplicar um golpe em Sônia, que por seu turno, era uma policial feminina também disfarçada. Pronto: Davidson tornou-se vilão de fato! Esses são alguns dos “ajustes” operados pela paródia de Alda e que, de certa forma reiteram as críticas recebidas por *Chuva*. Mas será que não indicam também um movimento no sentido de uma legitimação?

O respeito de Alda Garrido por Dulcina fica evidente na entrevista citada acima. E mais ainda por um “acontecimento não ocorrido” de 1947: Alda Garrido, que estava em cartaz no Rival, homenagearia Dulcina, que não era vista pelo público carioca havia mais de um ano. (VIOTTI, *Op. Cit.*: 358) Ao que tudo indica, a homenagem não chegou a acontecer, mas a deferência era mútua, pois que para o primeiro *Poeira de Estrelas* promovido por Dulcina no Municipal, em 1955, Alda era convidada. Ora, o paradoxo central da paródia apontado por Hutcheon, assenta-se na dualidade transgressão e conservadorismo: “a sua transgressão é sempre autorizada. Ao imitar, mesmo com diferença crítica, a paródia reforça.” (HUTCHEON, *Op. Cit.*: 39). A paródia, portanto, não possui caráter apenas crítico. Ela pode mesmo funcionar como uma “combinação de homenagem respeitosa de ‘torcer o nariz’

irônico” (*Ib.*: 49), ou uma “homenagem oblíqua” (*Ib.*: 21). O que poderíamos chamar, numa equivalência especular, de *crítica enviesada*. É o que parece caracterizar *Chuvisco*.

Esses são apontamentos iniciais para um trabalho a ser ainda desenvolvido sobre este “canto paralelo”¹ de Alda Garrido a *Dulcina*.

BIBLIOGRAFIA:

BERGSON, Henri. **O riso**. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
(Tópicos)

CAMPOS, Haroldo de. Apresentação. In: ANDRADE, Oswald de. **Oswald de Andrade: trechos escolhidos** / por Haroldo de Campos. Rio de Janeiro: Agir, 1967. (Nossos clássicos, 91)

COLTON, John; RANDOLPH, Clemence. **Chuva**. (baseada no conto de Somerset Maugham)
Trad.: Genolino Amado. S/l; s/d.

GARRIDO, Alda. **Chuvisco**. Rio de Janeiro, 1957.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Trad.: Teresa Louro Pérez. Lisboa : Edições 70, 1989.

VIOTTI, Sérgio. **Dulcina e o teatro de seu tempo**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

Periódicos (jornais, Rio de Janeiro):

DIÁRIO DA NOITE, 25/05/1945

CORREIO DA MANHÃ, mar-jul/1957

DIÁRIO DA NOITE, mar-jun/1957

O GLOBO, mar-mai/1957

¹ O sentido etimológico de *paródia*, no dizer de Haroldo de Campos. (CAMPOS, 1967, p. 16)